



Competição na infância faz bem? p. 3

Festa e solidariedade no Arraial do Lobato p. 5

Até onde ajudar os filhos nos estudos? p. 7

Conversa franca entre aluno e professor p. 9

A turma do Projeto
Voluntário: aprendendo
a fazer o bem

Nós fazemos a diferença

Como o Sabin ajuda a sociedade do outro lado dos muros da escola p. 10

O esporte **deve ser festa**

"**N**ossa função é proporcionar à criança e ao jovem a oportunidade de vivenciar a prática saudável de competir. Como consequência, teremos crianças e jovens ativos, saudáveis e felizes e, quem sabe, até algum atleta". A declaração é do professor de Educação Física e Esporte da USP Dante de Rose Jr.

Cito-o para explicar a postura do Sabin em relação à competição esportiva entre crianças. Notem que ele se refere à "prática saudável de competir", que visa muito mais que a vitória. Quando Dante diz que a função de professores de Educação Física é formar, "quem sabe, até algum atleta", ele sobrepõe a esta meta uma outra, mais fundamental: formar crianças e jovens ativos, saudáveis e felizes. Isso é o mais importante.

Como o esporte atinge essa meta? Proporcionando experiências positivas; estimulando a tolerância, a cooperação e a responsabilidade para com o grupo (em esportes coletivos); desenvolvendo autoconfiança, iniciativa e perseverança. Tudo isso são pontos positivos do esporte que levamos a nossos alunos desde pequenos.

Já uma competição real, com troféus e premiações, é algo que merece atenção quando se trata de menores de 11 anos. Entendemos que só a partir dessa idade – no 6º

ano do Fundamental – é que a criança está preparada social e emocionalmente para lidar com vitórias e derrotas de grande escala.

Por isso, o Programa Sabin+Esportes&Cultura tem como única opção de modalidade coletiva para os alunos até o 5º ano a Iniciação Esportiva, que apresenta diferentes esportes de forma lúdica e não competitiva. Modalidades individuais, como natação ou judô, são oferecidas para crianças menores, mas preferimos não incentivar a participação desses alunos em torneios competitivos. Nessa faixa etária, entendemos que o ideal é participar de festivais, em que todos recebem medalhas e as mesmas honrarias.

Essa distinção acontece, também, no Festival Sabin+Esportes&Cultura, que acabou de ter sua bem-sucedida 13ª edição. Foram 54 colégios, três clubes e uma ONG, totalizando mais de 2.900 alunos, num convívio intenso e harmonioso em torno do esporte. Os alunos menores participaram do Festival sem a carga de ganhar ou perder, mas pela simples alegria de praticar um esporte.

Nas palavras da ginasta Daiane dos Santos, homenageada do Festival este ano, "a importância desse evento está em valorizar a felicidade que o esporte proporciona". Para isso, o esporte não tem idade. ●



José Roberto Ramalho Pinto (Falcon)
Coordenador do Programa
Sabin+Esportes&Cultura
falcon@albertsabin.com.br

Erramos Na última edição do **MAIS** (maio/11), tivemos dois erros que merecem ser corrigidos

Na página 6, publicamos um quadro de medalhas em Olimpíadas Acadêmicas que não trazia o número correto de medalhas conquistadas por nossos alunos. Segue a listagem certa, totalizando 14 medalhas.

	ouro	prata	bronze
Brasileira de Física	1	4	3
Paulista de Física	-	2	-
Brasileira de Matemática	-	1	1
Paulista de Matemática	1	-	-
Rioplatense de Matemática	-	1	-

Na página 8, a programação do Cine Fórum trazia como sinopse do filme "Rompendo o Silêncio" – documentário sobre os horrores do Holocausto, produzido por Steven Spielberg – a sinopse de um filme chinês, de mesmo título, sobre uma mãe que quer matricular o seu filho, portador de deficiência auditiva, numa escola regular. Também publicamos a capa errada do filme "Olhos Azuis" na mesma nota.

EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br – Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção:** Giselle Magnossão **Marketing:** Adriana Vaccari, Patrícia Oliveira **Colaboradores:** Denise Araújo, Florinda Manuchaguian, Giselle Magnossão, José Roberto Ramalho Pinto, Suelly Nercessian Corradini, Dionéia Menin **Diagramação e Arte:** Giovanna Angerami **Redação:** Alexandre Bandeira, Mariana Bóscolo **Jornalista Responsável:** Alexandre Bandeira MTB 49.431 **Produção Gráfica:** Katia Almeida **Fotografias:** Divulgação Sabin, Rodrigo Jacob **Capa:** Rodrigo Jacob **Ilustrações:** Ricardo Cammarota **Revisão:** Denise Maiolino, Adriana Duarte **Impressão:** Flor de Acácia **Esta é uma publicação da Baraúna Comunicação** – Tiragem de 6.000 exemplares – Distribuição gratuita – junho de 2011

O importante é competir?

Professor da USP defende a Educação Física como um espaço de desenvolvimento pessoal da criança, e não como seleção de campeões

Quando criança, Osvaldo gostava de basquete. Jogou dos 11 aos 14 anos, até que seu professor de Educação Física chamou "os mais baixos", entre os quais ele se incluía, e disse que não poderiam mais jogar. Levou tempo até ele perceber que o raciocínio estava errado. Jogar basquete ele sempre poderia. Não teria tantas chances de ganhar uma competição, mas desde quando competir é a única razão da prática esportiva? Hoje, **Osvaldo Luiz Ferraz**, professor do curso de Educação Física e Esporte na Universidade de São Paulo há 23 anos, ajuda a formar novos professores – profissionais que assumam seu papel de educadores, não apenas de treinadores de atletas campeões. Autor do livro *Esporte e atividade física na infância e adolescência*, Osvaldo fala sobre como a competição deve ser tratada entre crianças, de forma a tirar do esporte o melhor para o desenvolvimento do indivíduo, independentemente de sua habilidade. Ou de sua estatura.



Competir na infância é saudável para a criança?

Veja bem, o esporte em si não é bom nem ruim; ele pode ser bom, dependendo da dinâmica com que é praticado, e pode ser ruim, se olharmos para o problema de *dopping*, violência e corrupção. Da mesma forma, a competição não é boa nem ruim. E ela existe tanto nos esportes institucionalizados como nas brincadeiras infantis, na amarelinha, nos jogos de tabuleiro. Acontece que, até certa idade, a criança não está pronta para se envolver em práticas esportivas da mesma forma que adultos e adolescentes.

Por que não?

Em campeonatos competitivos, há toda uma expectativa de vencer, receber troféus, não ser eliminado. Ao se envolverem nesse modelo sistematizado, as crianças passam não por um processo de aprendizagem, mas de treinamento,

que visa ao rendimento máximo – e não ao rendimento ótimo, que é o desenvolvimento do potencial de cada um.

A partir de que idade é saudável buscar o rendimento máximo?

A idade nunca foi um referencial absoluto. Uma menina de 12 anos é muito diferente de um menino dessa mesma idade, e cada criança é diferente das outras. Por isso, é muito importante que as crianças tenham primeiro uma diversificação na prática esportiva, para o autoconhecimento e o desenvolvimento de suas habilidades. Assim, se mostrarem interesse maior por uma modalidade específica, poderão, mais para frente, investir naquilo de que mais gostam.

Até lá, o que deve ser feito em termos de prática competitiva?

Esportes como a natação já adotaram medidas para que a competição seja

mais leve, priorizando o bem-estar da criança e um melhor aprendizado da prática. Em bons campeonatos de natação infantil, costuma-se selecionar crianças com o mesmo tempo de treinamento para competirem juntas, para que não haja tanta diferença entre elas; e todas, ao final, ganham medalhas de participação. Isso ajuda a criança a perceber que a prática é o foco, e não a vitória.

Qual o papel do professor de Educação Física no processo? E o dos pais?

Parece óbvio dizer isso, mas o professor de Educação Física é um educador. Ele tem de apontar para o aluno os porquês de uma derrota ou vitória, para que a criança entenda melhor o quadro, seja ele qual for. Os pais, por sua vez, também têm papel importante, o de ensinar os valores corretos, não cobrando vitórias, mas apoiando um bom desenvolvimento. ●

A vida dentro do aquário

Quem pensa que aquários só abrigam peixes perde o fôlego ao visitar o **Aquário de São Paulo**, no bairro do Ipiranga. Os alunos do **Pré I** já sabem disso, pois no final de maio visitaram o lugar, que, além de peixes dos ecossistemas aquáticos brasileiros, conta com diversas espécies de aves, répteis e mamíferos em exposição – como pinguins, jacarés albinos e os maiores morcegos do mundo, da Indonésia. Tem até réplica de dinossauros mecanizados! No mesmo dia, os pequenos ainda fizeram outra parada: o **Jardim Botânico**. Duas experiências de observação e encantamento com a diversidade de seres que a natureza é capaz de produzir.



Existem cerca de 300 espécies de animais no Aquário de São Paulo, mas os peixes não são os únicos

teste

Você sabe a que grupo pertence cada um desses animais?

- | | |
|---------------------|---------------------|
| A) Peixe-boi | 1) Aves |
| B) Pinguim | 2) Peixes |
| C) Moreia | 3) Mamíferos |

Plantação de história

Não é sempre que temos a consciência de estar pisando no passado, mas é isso que os alunos do **4º ano do Fundamental I** devem ter sentido ao visitar a **Fazenda Nossa Senhora da Conceição**, em Itatiba, interior de São Paulo, nos dias 1º e 2 de junho. Fundada em 1810, a Fazenda viveu as últimas décadas do ciclo da cana-de-açúcar, a ascensão e a queda do café como principal produto brasileiro e a substituição da mão de obra escrava por imigrantes italianos no Oeste Paulista. Tudo isso está preservado em documentos, fotos e nas próprias construções dessa fazenda de mais de duzentos anos, que hoje planta conhecimento.



Alunos plantam pé de café em fazenda histórica de Itatiba

Sabedoria indígena

Daniel Munduruku é um índio, do povo Munduruku, que habita regiões dos estados do Pará, Mato Grosso e Amazonas desde antes dos colonizadores. Muitos poderiam pensar que Daniel mora em uma oca, anda sem roupas e vive caçando e pescando. Mas ele usa calças, camisas e sapatos, é filósofo e escritor, tem licenciatura em História e em Psicologia e é doutorando em Educação na USP. Em 3 de junho, Daniel visitou o Sabin e conversou com as turmas do **3º ano do Fundamental I**, que trabalharam o livro do autor *Coisas de Índio* ao longo do primeiro trimestre. Daniel apresentou aos meninos a realidade dos índios brasileiros no século XXI. O encontro abriu a cabeça de muita gente, revelando que os povos indígenas e não indígenas têm muito a aprender uns com os outros.



O verso "Dos filhos deste solo és mãe gentil", na interpretação de aluno do 5º ano

Alguém ouviu um brado retumbante?

Em 7 de setembro de 1822, as margens tranquilas do rio Ipiranga ouviram o grito muito alto de um povo heroico. É isso o que diz o Hino Nacional Brasileiro, ainda que use termos um tanto antigos. Em maio, os alunos do **5º ano do Fundamental I** tiveram a tarefa de compreender melhor o hino, estudando a sua letra num projeto muito rico para as disciplinas de Português, História, Música e Artes. Que grito foi esse? De que povo está se falando? Como as margens de um rio podem ouvir alguma coisa? Será isso o que chamam de "sentido figurado"? "Nossos alunos cantam o Hino Nacional toda semana, desde o Maternal, mas é no 5º ano que eles têm vocabulário para compreender melhor a letra e relacionar com os conteúdos de História", diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Os alunos finalizaram o projeto produzindo desenhos para representar cada estrofe do hino, como esse acima.



Na Festa Junina do Sabin, os personagens do Sítio do Picapau Amarelo também entraram na dança

Muita gente se deliciou com os miolos cozidos da **XII Festa Junina do Sabin**, no último sábado, 18 de junho, mas felizmente um sabugo em especial, de óculos, fraque e cartola, saiu ileso. É que este ano a festa contou com a participação especial do Visconde de Sabugosa e de outros personagens criados por Monteiro Lobato.

Foi a primeira vez que o Sabin escolheu como tema da festa junina a obra de um escritor, e não imagens da cultura popular. Mas, no caso de Lobato, a troca se justifica. Autor de dezenas de livros infantis cujas histórias se passam no fictício *Sítio do Picapau Amarelo*, Lobato não apenas criou personagens, mas aproveitou-se de outros tantos do folclore brasileiro, como o saci-pererê, a mula sem cabeça e o curupira.

Para o "Arraial do Lobato", a coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, Dionéia Menin, e a equipe da professora de Artes Roberta Moretti

prepararam decorações e fantasias que trouxeram à vida o universo do Visconde de Sabugosa, da boneca de pano Emília, da bruxa Cuca e do saci-pererê. "Em pleno século XXI, a obra de Monteiro Lobato [escrita nas décadas de 1920 e 30] continua servindo para apresentar um universo de lendas do Brasil rural para as crianças da cidade", diz ela. "E para divertir muito também". Diversão que já virou marca das festas juninas do Colégio – e este ano não foi diferente.

Com um público sempre crescente – ano passado foram mais de 7.500 pessoas – o arraial é o maior evento de congregação entre alunos, pais, professores e colaboradores do Sabin, que passam o dia nas barracas de jogos e comidas ou assistindo às apresentações das crianças.

Tanta gente reunida também faz da Festa Junina a melhor oportunidade de exercitar a solidariedade. Todos os anos, o valor arrecadado a partir da venda de ingressos, de toda a ali-

mentação e de fichas para as barracas de jogos (além de apoios e patrocínios de terceiros) é revertido em doações para as instituições beneficiadas pelo Sabin (ver matéria na pág. 10). "Não doamos dinheiro; utilizamos o valor arrecadado com a festa para comprar produtos e serviços de que essas instituições precisam", diz Adriana Vaccari, gerente de Comunicação e Marketing. Em 2010, o total destinado à doação chegou a mais de 55 mil reais.

E, neste ano, as instituições beneficiadas estiveram presentes na festa. Uma barraca foi montada para que as entidades distribuíssem materiais de divulgação de seu trabalho e/ou comercializem seus produtos. "Além disso, nossos alunos do Projeto Voluntário utilizaram a barraca para fazer penteados de tererê nos visitantes, com o lucro repassado para o projeto", diz Adriana.

Num arraial tão animado e solidário quanto este, motivos não faltaram para todo mundo entrar na festança. ●



Profissão: repórter



Nem todo mundo sonha em ser jornalista. Mas, no **8º ano do Fundamental II**, as aulas de Redação são dedicadas a gêneros jornalísticos de texto, como notícias ou artigos de opinião. “Praticar a objetividade de uma notícia e a capacidade de argumentação de um artigo são ótimos exercícios de produção textual para qualquer pessoa, independentemente da carreira”, diz Ana Marta de Santana, assessora pedagógica de Língua Portuguesa no Fundamental II. E talvez este ano traga um estímulo a mais aos aspirantes a repórter. No início deste mês, o diretor industrial da *Folha de S.Paulo*, Luiz Antonio de Oliveira, veio ao Colégio para tirar dúvidas sobre como é feito um jornal. “O contato com esse universo também ajuda a deixar os alunos mais atentos às atualidades”, diz Ana Marta.

O estudo das estatísticas e as estatísticas do estudo

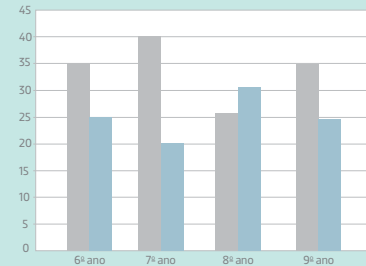
Todos os anos, os alunos do **6º ano do Fundamental II** realizam um trabalho de Matemática que envolve entrevistar pessoas – colegas, professores, familiares – para elaborar gráficos com as respostas obtidas. Este ano, a **pesquisa de campo** da turma teve duplo objetivo: além de transmitir conceitos como média aritmética e mediana, a pesquisa avaliou os métodos de estudo dos alunos do Fundamental II, do 6º ao 9º ano. Perguntas como “Como a nota de avaliação contínua pode ajudar nos seus resultados?” ou “A organização da agenda ajuda o aluno a ter bons resultados?” geraram gráficos que permitirão aos professores conhecer e direcionar a postura dos alunos. Vejam, por exemplo, o que a pesquisa mostrou sobre estudar para provas, no gráfico abaixo.

Para se sair bem, basta estudar a matéria na véspera das provas?

Ano	Sim	Não
6º	14	56
7º	24	46
8º	29	41
9º	28	42
Total	95	185

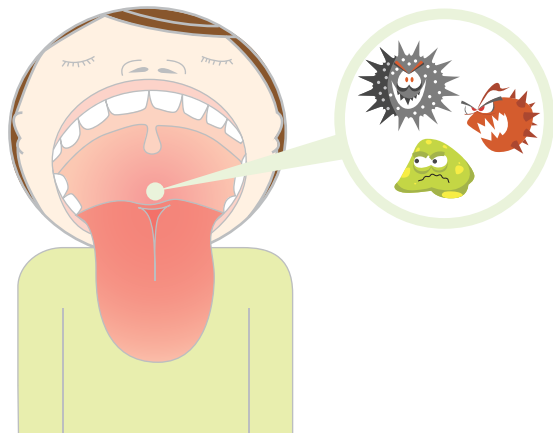
Total de alunos: 280

33,9% estudam na véspera | 66,1% estudam com maior antecedência



Ameaças invisíveis

Em viagem à casa de seus tios, no interior, o menino Jotagê sente a garganta doendo, a cabeça pesada e arrepios pelo corpo inteiro. Ele ainda não sabe, mas está com uma infecção causada por **pequenos seres vivos**. Este é o nome do livro paradidático que os alunos do **7º ano do Fundamental II** conheceram no início de maio, nas aulas de Ciências, sobre micro-organismos. A aventura de Jotagê animou os meninos a estudarem a importância da higiene e da prevenção contra bactérias, fungos e outros inimigos invisíveis a olho nu.



A tecnologia faz a história



Pelo Facebook, o mundo árabe se revolta: lição de história ao vivo

Em poucos meses, um protesto popular na Tunísia, em dezembro de 2010, levou à renúncia um presidente há 24 anos no poder, ecoou no Egito, derrubando o ditador Hosni Mubarak, e refletiu em outras revoltas em países árabes. O assunto poderia ser distante do cotidiano dos alunos do **9º ano do Fundamental II**, não fosse por um fator: as manifestações se alimentaram de redes sociais como Facebook e Twitter. “A tecnologia acelerou um processo que vinha acontecendo lentamente. O povo árabe se mobilizou pela internet e pelo celular”, diz o professor Felipe Bandeira, de Geografia, que tratou de inserir a **Revolução do Mundo Árabe** nas aulas sobre globalização. Uma oportunidade rara de ver a história acontecer ao vivo, que gerou muita discussão em sala de aula.

Agora é com eles

Ser pai é participar, mas chega um momento em que os filhos têm de assumir mais responsabilidades nos estudos

No primeiro MAIS de 2010, publicamos um texto que apresentou o projeto Postura de Estudante aos alunos do Fundamental II. Para auxiliar na transição entre o 5º ano (Fundamental I) e o 6º ano, quando o número de lições aumenta e a troca de professores por dia é maior, o projeto estimula os alunos a dar mais atenção à agenda e a realizar uma autoavaliação trimestral de sua rotina de estudos. A ideia é que os alunos passem a ter mais controle e a assumir maiores responsabilidades sobre sua vida escolar. Para os pais, no entanto, fica a dúvida: qual o meu papel no processo de desenvolvimento de autonomia do meu filho?

“Os pais podem e devem acompanhar a rotina de estudos de seus filhos, seja por meio do *site* do Colégio – que é atualizado diariamente com lições passadas, calendários de provas e observações sobre o aluno –, seja por meio de conversas informais no café da manhã ou no jantar”, diz Laércio da Costa Carrer, assistente da coordenação pedagógica do Fundamental II. “O que não se deve fazer é assumir todas as responsabilidades da criança”.

Segundo Laércio, o uso do *site* pelos pais não pode servir de desculpa para que o filho deixe de anotar seus compromissos na agenda. “O filho não pode depender da mãe para organizar os seus deveres, pedindo para ela conferir as lições do dia na internet”. Ele acrescenta que, entre os 10 e 11 anos de idade, a criança já apresenta condições emocionais e intelectuais para assumir tal responsabilidade.

Ajudar o filho a estudar também é ponto delicado. “Não é raro recebermos pais e mães aflitos por não conseguirem ler os livros de seus filhos, porque estão resoluven-

do suas obrigações diárias”, diz Suely Nercessian, coordenadora pedagógica do Fundamental II. “Mas a questão é: eles não precisam fazer isso. Os pais podem esclarecer alguma dúvida, ajudar com um ou outro ponto da matéria, mas é o aluno quem deve ler o livro e fazer os exercícios”. Para Suely, o equilíbrio da participação dos pais no estudo dos filhos pode ser resumido da seguinte forma: ajudar, sempre que necessário; fazer por eles, nunca.

A assistente da coordenação Viviane Paiva cita outro hábito que pode comprometer a autonomia da criança, se tornado regra: a hora de “tomar a lição”. “O pai pode, quando possível, verificar se o filho estudou determinado assunto ou não. Mas lembramos que o estudo é de responsabilidade do aluno. Mesmo porque, muitas vezes, o pai nem se lembra mais do assunto e não tem como fazer isso. No máximo, faz perguntas exatamente como estão no livro, o que só mostra que o texto foi memorizado, não necessariamente compreendido”.

Apesar de tudo, Laércio ressalta a importância dos pais nessa fase da vida da criança. “As informações que colocamos no *site* são um ótimo recurso para os pais acompanharem o processo”, diz ele. “E, a cada trimestre, fazemos questão de nos reunir pelo menos uma vez com cada família para trocarmos impressões sobre a criança e sobre seu percurso acadêmico. Os pais ainda podem, sempre que acharem necessário, agendar novos encontros. Essa parceria conosco é a ajuda mais essencial que eles podem dar para que seus filhos avancem até o Ensino Médio com a autonomia necessária”. ●





Aula à fantasia

Numa sala de aula do Sabin, Harry Potter assiste a uma aula de Física junto com Capitão Nascimento e a Branca de Neve. A cena inusitada é parte de uma brincadeira dos alunos da **3ª série do Ensino Médio**, que todas as sextas-feiras vêm fantasiados ao Colégio, seja como personagens famosos ou como caipiras, mauricinhos e patricinhas, entre outros temas. Quem esquece a fantasia paga uma taxa para a comissão de formatura. As **sextas-feiras à fantasia** trazem outro benefício: "A brincadeira ajuda a aliviar um pouco do estresse causado pelo vestibular e pelo ritmo intenso de aulas", diz Florinda Manuchaguián, coordenadora pedagógica do Ensino Médio. É, mas vale lembrar que, no segundo semestre, tudo volta ao normal, com foco total nos estudos.



O valor das florestas

Por séculos, as florestas brasileiras foram derrubadas para movimentar a economia do País. Felizmente, o século XXI trouxe uma nova consciência ambiental, de que mais vale a floresta em pé do que no chão. Inclusive, financeiramente. Foi o que aprenderam os alunos da **1ª série do Ensino Médio**, que montaram uma exposição na entrada do Colégio sobre os produtos que a floresta dá, como cosméticos derivados de frutos da floresta Amazônica e luvas de borracha (feitas do látex da seringueira). "A longo prazo, a exploração sustentável das florestas rende mais do que a agropecuária", diz Aymar Macedo, assessor pedagógico de Biologia no Ensino Médio. "Mas a floresta também tem o direito de existir apenas por existir. É uma questão de bioética".

A teoria dos jogos

Entre 18 de abril e 25 de maio, todas as turmas do Ensino Médio participaram de um torneio de futebol de salão totalmente organizado e coordenado pela 3ª série. Os **jogos interclasses** aconteceram sempre aos intervalos e foram uma ótima oportunidade para os alunos trabalharem sua capacidade de administrar processos, trabalhar em grupo e desenvolver lideranças. Além, claro, de bater uma bolinha.



Partida de futsal de um campeonato organizado pelos próprios alunos



Simulado divertido

Aí vai uma dica para os alunos do Ensino Médio: da próxima vez que navegarem pela internet, deem uma conferida no site **www.ludoeducativo.com.br**. Criado por pesquisadores da UNESP, da USP e da UFSCar, o site reproduz um jogo clássico de tabuleiro, com dados e desafios em cada casa avançada. O interessante é que os desafios são perguntas relativas a matérias escolares. Existem versões do jogo para os dois ciclos do Fundamental, mas os alunos do Médio podem aproveitar a versão mais avançada, com perguntas retiradas dos principais vestibulares do País. São duas mil questões, divididas entre Química, Física, Matemática e Biologia. Para jogar, é preciso cadastrar um endereço eletrônico, mas é tudo gratuito.



Confissões de adolescente

Professores-padrinhos ajudam a resolver dúvidas e acalmar angústias dos alunos

Dentro da sala de aula, Áurea Bazzi é uma professora exigente. Ela mesma admite não se encaixar no estereótipo da "professora legal" e, em suas aulas, faz questão absoluta de silêncio e atenção. Fora dos horários de aula, porém, Áurea é de uma simpatia que a faz muito querida pela turma. E, especialmente para um grupo de alunos da 3ª série do Ensino Médio, a professora de Química é uma verdadeira amiga. Para eles, Áurea é toda ouvidos.

Assim como os demais professores da 3ª série, Áurea tem entre os alunos um grupo de "afilhados" – meninos e meninas por volta dos 17 anos que costumam abrir o coração para ela como amigos e confidentes, durante almoços no restaurante ou em intervalos de aulas. O projeto de apadri-

nhamento foi pensado no Sabin como forma de aliviar as angústias naturais em ano de vestibular, mas as conversas entre padrinhos e afilhados vão muito além disso. "Eles querem falar sobre escolhas profissionais, vínculos afetivos, rompimento de amizades, necessidade de se integrar", diz Áurea.

Segundo Áurea, a figura do professor passa uma autoridade natural para o jovem, mas é preciso criar cumplicidade para que os diálogos sejam mais francos e produtivos. "Existe a diferença de idade, mas você começa a passar exemplos da sua vida, erros que já cometeu, e eles passam a se identificar", diz a professora, com um sorriso amigo. "É uma ferramenta preciosa".

"Os alunos-afilhados nos veem como porto seguro", diz Lélia Teixeira, professora de Literatura, que recorre aos clássicos para facilitar conversas sobre sexo, amor e afeto com os alunos.

Dois temas, aliás, nem sempre fáceis de abordar com os próprios pais. O professor de Biologia Aymar Macedo vê isso com naturalidade: "Os meninos, às ve-

zes, preferem falar com os professores. Não é que eu entenda de adolescente. Não entendo, não ouço as mesmas coisas, não tenho as mesmas referências. Mas entendo de seres humanos".

E quando o jovem traz para as conversas com o professor um conflito com familiares? Segundo Aymar, a postura dos padrinhos é ouvir, não tomar partido. "Vejo alunos em conflito com a família por causa da escolha da carreira. Minha orientação é: negocie, converse", diz. "E, principalmente, deixe as armas de lado".

É um conselho que, segundo a psicóloga e especialista em educação de adolescentes Rosely Sayão, também vale para os pais. "Os pais precisam aprender a ceder algumas vezes e a ouvir o que seu filho diz", escreveu Rosely em seu blog no Portal UOL (<http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br>). "Ouvir não significa atender, mas considerar, dialogar, negociar. Essa talvez seja a palavra-chave do relacionamento entre pais e filhos dessa faixa etária." ●

Papo amigo: a professora Roseana ouve suas alunas-afilhadas durante almoço no restaurante do Sabin



Do outro lado do muro

Como o Sabin ajuda instituições beneficentes parceiras e estimula seus alunos a fazer o mesmo

Em 1998, o Sabin realizou sua primeira Festa Junina, evento que se tornaria, com o tempo, o maior momento de congregação do Colégio. E, já em sua primeira edição, a Festa serviu para algo além da diversão: serviu para ajudar muita gente. Toda a verba arrecadada na festa (além das latas de leite em pó doadas em troca de ingresso) foi revertida para instituições beneficentes. A tradição de um “arraial solidário” permanece e é um dos melhores exemplos da política de responsabilidade social do Colégio.

“Buscamos exercer a cidadania desde nossa fundação”, diz Cristina Godoi, mantenedora do Sabin, ressaltando o valor da contribuição dos alunos em outros momentos de doação coletiva – de brinquedos, na Semana Sabin, e de ovos de chocolate, na Páscoa. “Mas queremos integrar ainda mais as famílias, tornar nosso apoio às instituições beneficentes mais transparente para todos os envolvidos”.

Essa transparência, afirma Cristina, é essencial para que pais e alunos percebam a importância das ações sociais do Sabin, como formação para os alunos – que podem

exercitar seu espírito solidário e compreender melhor o processo da cidadania –, mas também como ajuda efetiva para centenas de pessoas atendidas pelas instituições parceiras do Colégio. “Queremos dar uma ajuda real a essas pessoas”, diz Cristina. “Por exemplo, se pedimos que todos doem o mesmo tipo de ovo de Páscoa, é porque toda criança merece um ovo bom. Da mesma forma, não podemos doar roupas furadas e brinquedos quebrados”.

Outra medida que visa esclarecer as famílias será uma barraca especial na Festa Junina deste ano, utilizada pelas instituições parceiras do Sabin para divulgarem seus trabalhos. E, no final de 2011, será lançado um relatório de todas as ações socioambientais realizadas pelo Colégio.

O Sabin já chegou a ajudar cerca de 30 instituições em um mesmo ano, mas este número hoje está reduzido a 13, após um processo de revisão das ações sociais do Colégio. “Demos prioridade para entidades que atuassem na nossa região e cuja atuação nós pudéssemos avaliar melhor”, diz Adriana Vaccari, gerente de Comunicação e Marketing do Sabin.

Uma dessas entidades é a Amamos – Associação de Municípios para Amparo ao Menor Osasquense –, um abrigo de crianças de até 12 anos, vítimas de maus tratos,

violência e abandono. Segundo a coordenadora geral da Amamos, Eliane Santos Claudino, “o Sabin é muito presente, com doações recorrentes há anos. Sem ele, não poderíamos manter a casa”.

Mário Souza, presidente do Grupo de Assistência Social Bom Caminho, que atende crianças e jovens de favelas na Zona Oeste de São Paulo, classifica a relação com o Sabin como “muito saudável”, citando doações feitas pelo Colégio nos últimos anos: “Cestas básicas, materiais escolares, freezers, entre outras coisas”.

“A contribuição que damos a essas instituições beneficentes é de todos nós”, diz Cristina. “É importante que todos saibam disso”.

Se é uma meta do Sabin a formação de cidadãos conscientes, esta meta se torna ainda mais evidente no Projeto Voluntário. Criado em 2008, como parte do Programa Sabin+Esportes&Cultura, o Projeto ajuda alunos entre o 9º ano do Ensino Fundamental II e a 2ª série do Médio a se tornarem, na prática, voluntários em algumas das instituições parceiras do Sabin.

A coordenação do Projeto Voluntário passou, este ano, para as mãos da professora de Inglês Telma Gonçalves de Oliveira, ela própria bastante experiente nos assuntos de cidadania e voluntariado. Telma já convenceu seus vizinhos de condomínio a separarem os seus lixo em materiais orgânicos e recicláveis; organizou a doação do material reciclável para uma cooperativa do bairro, que emprega oito famílias carentes na triagem e encaminhamento desse material para indústrias; e atua como vo-

luntária há seis anos numa ONG que atende crianças portadoras de deficiência. “Ainda faço pouco”, diz ela, sem falsa modéstia. “Mas já é legal olhar além do seu muro”.

Agora ela quer fazer os alunos do Projeto Voluntário “olharem além do muro”. “O primeiro semestre foi quase todo de formação em voluntariado”, diz Telma. “Os alunos assistiram a palestras nos Centros de Voluntariado de São Paulo e de Osasco, entenderam que ser voluntário envolve assumir compromissos e discutiram em classe o que poderiam fazer. Agora começa a fase de botar a mão na massa”.

A professora explica que cabe à turma, que se reúne todas as terças-feiras, às 18h, decidir em conjunto o tipo de trabalho voluntário que querem desenvolver. “A turma atual está muito interessada em trabalhar com crianças”, diz. Por essa razão, escolheram como primeira instituição a ser visitada a Alfacrís – Associação Faça uma Criança Sorrir –, creche que atende cerca de 130 crianças de 1 a 6 anos, no bairro do Jardim Helena, em Osasco. Em 8 de junho, os alunos passaram a tarde desenvolvendo atividades com as crianças da creche, desde brincadeiras e contação de histórias até orientações de higiene pessoal. “E, para agosto, já está marcada uma visita nossa ao Projeto Âncora”, adianta Telma, referindo-se a uma associação civil que atende crianças e jovens carentes na Granja Viana, em Cotia.

Segundo Telma, o interesse dos alunos do Sabin pelo Projeto Voluntário está crescendo. “Nos anos anteriores, a média de inscritos era de 12 alunos. Este ano, começamos com nove e hoje já estamos com 19”, diz ela (as inscrições são trimestrais). A professora vê o seu trabalho como um pontapé. “Eles saem daqui com gás para fazer bem mais”. ●

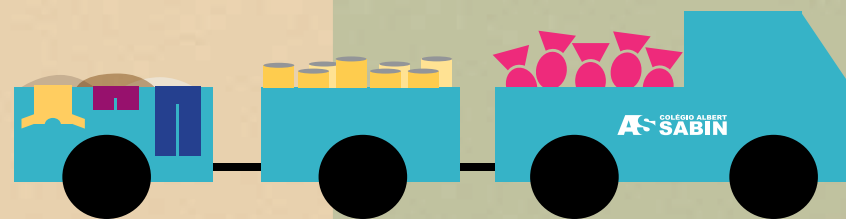


Nesta página, a turma do Projeto Voluntário (a profª Telma é a 5ª, da eq. para a dir., na primeira foto) em dois momentos: no Sabin e em visita ao Centro de Voluntariado de São Paulo.

Na página ao lado, alunas do Projeto em atividades com as crianças de instituição beneficente; e criança da Alfacrís recebe seu ovo de Páscoa.

Conheça as instituições beneficentes apoiadas pelo Colégio Albert Sabin

- ▶ Associação de Municípios para Amparo ao Menor Osasquense
- ▶ Associação Faça uma Criança Sorrir – Alfacrís
- ▶ Associação Pestalozzi de Osasco
- ▶ Cajec – Casa de Apoio à Criança com Câncer
- ▶ CEI Creche Salvador Lo Turco
- ▶ CEI Sagrado Coração de Jesus
- ▶ Estrela de Davi – Assoc. Assistencial de Apoio aos Portadores de HIV
- ▶ Grupo de Assistência Social Bom Caminho
- ▶ Grupo de Assistência Social Casa de Emmanuel
- ▶ Instituto Vivereh
- ▶ Lar Jesus Maria José
- ▶ Projeto Xeque-Mate na Biblioteca
- ▶ Toca de Assis – Casa Feminina





Ana Luiza Gomes Ferreira
é aluna da 3ª série C do Ensino
Médio e autora desta matéria

A gente não quer só comida

O cardápio é só uma das razões que fazem do refeitório do Sabin um espaço amado por todos

30 kg de arroz, 12 kg de feijão, 70 kg de carne, 25 kg de legumes, 120 kg de batatas fritas, 600 frutas, 60 pés de alface, 150 litros de suco e 700 copinhos da boa e velha gelatina.

Tudo isso é comido em um dia pelos mais de 750 alunos e funcionários diariamente acolhidos pelo refeitório do Colégio. Entretanto, por mais grandiosa a quantidade de alimentos necessária para abastecer nosso “posto de renovação de energias”, esses números não representam nem o mínimo do que o restaurante realmente significa para nós.

O refeitório extrapola sua função de satisfazer as necessidades nutricionais e torna-se um ambiente propício para o estreitamento de laços. “Sempre que posso, marco um almoço com meus professores mais queridos. Adoro ter momentos com eles fora da sala de aula para conversar e, até mesmo, pedir conselhos sobre questões que estejam me afligindo”, diz Marcela Ciccone, da 3ª série do Ensino Médio. “O que mais gosto é sentar e comer em companhia dos meus amigos”, diz André Ferreira, da 2ª série, associando sua fala ao pensamento do filósofo grego Epicuro, que escreveu: “Antes de comer ou beber qualquer coisa, pense em companhia de quem irá fazer isso”. Epicuro aclamava os amigos como um dos elementos essenciais para alcançar a felicidade.

Outro ponto que chama atenção no restaurante é a postura de seus funcionários. Sempre simpáticos e atenciosos, parecem se preocupar com cada aluno, como quando não se cansam de escolher o melão mais amarelinho ou de procurar no freezer o último picolé de leite condensado. Maria das Dolores Lima, que trabalha no refeitório há 12 anos, foi capaz de descrever as diversas vezes em que tentou convencer o então garotinho de 7 anos Daniel Occhiena, hoje com 17, a comer o feijão que ele tanto detestava. O rapaz diz se lembrar de como Maria e Luciana – nutricionista do refeitório – eram carinhosas e como se esforçavam para argumentar sobre a importância de uma alimentação saudável, “para que eu ficasse ‘grande e forte’”. A reciprocidade dessa afeição também foi demonstrada quando, há cerca de três anos, o chefe de cozinha Paulo Júnior da Silva, o Júnior, foi homenageado na formatura dos alunos do colegial: “É uma troca de amizade”, diz Júnior.

Qual é o segredo para agradar tanta gente que se diz satisfeita não apenas com o cardápio equilibrado e a comida de qualidade, mas com a atmosfera do restaurante? Como ressalta Maria das Dolores: “Nossos sentimentos são refletidos no dia a dia e até mesmo no preparo da comida. O maior segredo está em fazer bem, em fazer com amor”. ●



A nutricionista Luciana Rosa Porta supervisiona o cotidiano do refeitório: sabor e amor andam juntos